

A SABEDORIA EM FILON DE ALEXANDRIA

Roberto Luiz Horas*

Um judeu helenizado

Filon floresceu no ambiente cultural efervescente da Alexandria do séc. I, no Egito. Cidade cosmopolita onde, já por muito tempo, confluíam grandes tradições milenares- a começar com a tradição própria da casa, isto é, a egípcia, mas também a siríaca, a babilônica, a hebraica e a grega- mas que, em meados daquele século respirava, sobretudo, os ares helenísticos. A cultura grega é assim a tônica que sobressalta como a alta cultura, a qual, entretanto, num movimento de mão dupla, acabará por assimilar e ao mesmo tempo influenciar muitas das tradições que coabitaram naquela grande cidade, uma das quais, queremos aqui destacar: a da colônia judaica.

O Egito e as terras de Judá já se conheciam desde há muito com Jacó e José, saga que foi narrada no Êxodo (Ex. 2), texto onde se tem como figura paradigmática o profeta mor dos hebreus, Moisés, ele próprio nascido no Egito. O contato direto com a influência grega os hebreus tomam primeiro em Alexandria, mas a presença helênica em Jerusalém é sentida já com Antíoco Epífanes, no séc. II a.C (1Mac. 1,11). É muito interessante e instrutivo observar, por exemplo, dentre os livros canônicos do Judaísmo e do Cristianismo, no Livro da Sabedoria e nos outros livros sapienciais alguns reflexos desses embates multiculturais, seja com a presença de reflexos da retórica grega seja da filosofia propriamente dita, onde alguns estudiosos apontam influências do estoicismo e do platonismo, embora, em última análise, seus fundamentos sejam considerados mais propriamente judaicos¹. Aquele livro, também chamado Sabedoria de Salomão, foi redigido em grego por volta do primeiro século a.C. em Alexandria e acredita-se que possa ter exercido grande impacto na alma de Filon. Temos aqui um meio comum de transmissão das tradições que vigia entre esses povos, que foi a literatura, com a Torah²,

* Graduando em Filosofia pela Unifesp.

¹ GUTTMANN. J, *A filosofia do Judaísmo*, p 41 e ss.

² Os cinco livros do Pentateuco.

Tanach³ e os escritos apócrifos do lado hebraico, e os clássicos epopeicos e filosóficos dos gregos.

Filon está assim embebido nesse caudal de pelo menos duas veneráveis tradições, que comporão a sua formação, a hebraica e a grega, e, por mais estrangeiras que fossem uma à outra, encontrariam, segundo ele, certa similitude, senão quanto à forma, quanto ao propósito de fundo. E esse propósito seria o seguinte: ambas tentavam situar o homem no cosmo e estabelecer o que é e a que se destinam esse “morador” e essa “casa”.

O meio comum de expor tais questões é, como dissemos, a literatura, embora a tradição oral não esteja muda, sobretudo do lado hebraico. A sabedoria, meta da elite entre as duas tradições, consistirá em responder àquela pergunta principal e viver de acordo com ela. Na filosofia grega temos um marco em Sócrates e Platão e, entre os hebreus, temos Moisés e os Profetas para quem essas questões são fundamentais e definidoras, ao se voltarem assim para o problema existencial do homem. Se existe a possibilidade do homem saber como viver; saber de onde veio e para onde ele vai, aqueles homens viveram as suas vidas para descobrir.

Entretanto, de maneira geral poderíamos dizer que eles não só divergiram quanto à resposta, mas que divergiram também e principalmente quanto ao método. Para os filósofos gregos, este método centrava-se na autonomia da razão, a parte divina da alma; enquanto que para os Patriarcas e Profetas, a Revelação ou conhecimento do mistério da existência se dará por meio do próprio criador do mistério: Deus. Sendo parte integrante do cosmos e se assemelhando aos deuses com a alma racional, o sábio grego acreditava ser capaz de desvendar aquilo de que participava por natureza: do Ser.

O sábio semita, ao contrario, em se sentindo completamente incapaz por si só de dar conta do absurdo do mundo, deixa as respostas para a Sabedoria de quem o criou. Isso porque, segundo a cosmogonia judaica, se tratam de dois a dialogar: Criador e criatura, onde a última está em dependência absoluta com o primeiro, de sorte que esse é o único a poder autenticamente informá-la. Ora, o Criador é sábio, e a sabedoria humana consiste em saber seguir as diretrizes da Sabedoria divina. O devoto judeu ama tanto a Deus quanto o filósofo ama a verdade, pois acredita que só Aquele que criou

³ O conjunto da “Bíblia Hebraica”, propriamente dita.

sabiamente a possibilidade da fala pode falar genuinamente da sabedoria, a qual é sussurrada aos ouvidos dos seus Profetas e descende no oráculo da Escritura.

Assim é que Fílon, influenciado pelas escolas helenísticas do platonismo, do estoicismo e do pitagorismo, que vigoram em sua época, e acreditando que a verdade só pode ser única, intenta traduzir em linguagem filosófica o conteúdo profundo que encerra a narrativa bíblica, a mensagem da Torah. Sua idéia central é que aquilo que os filósofos vinham procurando como o princípio do ser e do cosmo não era tão diferente daquilo que a tradição judaica vinha cultivando sob a forma de revelação. Como crê que o Pentateuco é anterior ao nascimento da filosofia (e, entre os historiadores parece haver consenso quanto a isso), Fílon chega mesmo a declarar que essa é devedora de Moisés, que, assim, teria sido o primeiro filósofo. A “filosofia primeira” para Moises está, no entanto, ancorada na Revelação divina da qual se faz conhecedor; uma forma de conhecimento não de todo estranha aos gregos, visto que temos notícia da consulta aos deuses através de oráculos, sobretudo no culto dos Mistérios de Elêusis, no qual a atividade divinatória e visionária tem papel fundamental na orientação da vida do praticante. Esse tipo experiência e narrativa, em não se baseando em raciocínios para declarar sua verdade, aos olhos dos gentios intelectualizados não convenceria muito, a despeito daqueles que viam no judaísmo uma escola de filosofia⁴.

Com o intuito de defender sua idéia principal, ou seja, a da inexistência de oposição entre as duas formas de alcançar a verdade, Fílon admite pelo menos dois aspectos ou modos de ler o livro sagrado que seriam complementares: o literal, que conta os fatos externos da história do povo judeu com seu Deus; e o alegórico que narra os envoltórios da alma na sua ascensão e relação com a divindade. Para Fílon a tradição da literalidade dos fatos não exprime toda a sabedoria contida nos livros do Pentateuco, uma vez que assim se corre o risco de ficar na superfície da mensagem divina e, por conseguinte, não ter toda eficácia e função a que se destina, isto é, como um canal entre o homem e Deus.

O método alegórico, que transforma as imagens das cenas da história sagrada em conceitos ou símbolos, embora já fosse a muito usado pela escola estóica na interpretação dos antigos mitos pagãos, era também conhecido entre os judeus

⁴ JAEGER, W. 1991, p. 46-47. Citado por Dax Moraes no seu artigo “*Fílon de Alexandria e a tradição filosófica*”.

correligionários imbuídos do espírito helenista. A comunidade dos Terapeutas, por exemplo, com a qual Fílon manteve contato e a respeito da qual escreveu, fazia do método alegórico um caminho interpretativo para o aprofundamento nos ensinamentos, e sua meditação centrava-se no aspecto esotérico, não manifesto à primeira vista, dos textos sagrados⁵. Tal hermenêutica, que será adotada por Fílon, acabará lhe valendo a antipatia e impopularidade nos meios da ortodoxia de seus correligionários contemporâneos e essa impopularidade se estenderá pela história do pensamento judaico. Isso não ocorrerá, todavia, entre as nascentes da cristandade, que fruirão muito proveito da leitura da obra de Fílon na construção da filosofia e da teologia da Igreja Católica. O fato é que toda essa perspectiva que foi divisada a partir da interpretação filosófica das Escrituras vai render assunto por pelo menos 15 séculos pelo medievo adentro, tamanha sua proficuidade espiritual. Aliás, todas as três grandes religiões abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo) trarão conhecimento com o instrumental conceitual grego, tornando por assim dizer ‘científica’ a questão de Deus, e daí é que construirão, em grande medida, suas Teologias (Ciência de Deus).

Saber, Deus, homem e cosmos.

Baseado na tríade Deus, homem e cosmos, o conceito de criação assenta as diretrizes da sabedoria em dimensão humana. A contemplação do cosmos é via básica, (embora não a única) na aquisição da sabedoria. Porque a sabedoria, para Fílon, é como uma potência de Deus que se torna manifesta no cosmos criado. A Criação é uma estrutura tal que é comparável a idealização de um sábio engenhoso ou um artista inspirado devido a sua harmonia; não é, todavia, obra da mão ou mente humana. Aqui entram a filosofia e todas as ciências conhecidas como coadjuvantes preciosos para auxiliar o buscador da sabedoria. Em que são aparentadas as atitudes de um filósofo e de um devoto? Cada um deles se encontra em estado de ‘maravilhamento’ ao contemplar a beleza e complexidade encadeada do cosmos. Ao que são levados a supor naturalmente um princípio gerador, uma inteligência provedora, um Deus criador, enfim, uma Sabedoria em tudo isso. Mas a filosofia racional assim como a ética não terão valor por si mesmos, mas somente na medida em que apontam para algo além de

⁵ FILON, *A vida contemplativa*. Apud. GUINSBURG em *Do Estudo e da Oração*, pg. 141-142.

seus objetos imediatos de conhecimento, lá para onde esses objetos nascem, ou seja, os Princípios.

Vejamos o que Fílon nos fala da filosofia em geral:

Como as ciências sobre as quais se baseia a cultura geral contribuem para o aprendizado da filosofia, assim também a filosofia contribui para a aquisição da sapiência. De fato, a filosofia é o esforço para alcançar a sapiência, e a sapiência é a ciência das coisas divinas e humanas e das causas destas. Portanto, como a cultura geral é serva da filosofia, assim também a filosofia é serva da sapiência⁶.

Temos aqui figurada a idéia primordial e até etimológica da palavra *Philosophia*: amor ou amizade pela Sabedoria, que se caracteriza pela busca desta, e que já fora belamente discutido no Banquete platônico. E, a definição da sapiência por Aristóteles que diz: “A sapiência é uma ciência acerca de certos princípios e certas causas.” (Metafísica, A1, 982^a). A filosofia é algo como uma busca, como um aprendizado que tem por alvo aquilo que seria um verdadeiro conhecimento das razões da realidade e seu conteúdo, dos quais a sabedoria ou sapiência se faz portadora e doadora.

Desse modo, à similitude de propósitos, como dizíamos acima, faz com que Fílon aproxime filosofia e religião judaica, visto que no seu entender, a busca por um princípio gerador, seja ele imanente, seja transcendente, por parte dos filósofos, é o equivalente da busca por Deus empreendida pelos grandes Profetas e patriarcas da tradição Bíblica. Para Fílon não somente a Torah tem em si um conteúdo filosófico, mas nela é justificada a existência da própria filosofia, isto é, por que buscamos a sabedoria. Sua resposta inspiradora se fundamenta no que Moisés disse: o homem foi criado à imagem de Deus e conforme sua semelhança (Gên., 1:26), ou seja, o homem assemelha-se a Deus, não segundo ao corpo “porque Deus não tem forma humana nem o homem tem forma divina”. Aqui “imagem” será o que ele se referirá como sendo o Logos ou Mente divina que, ao criar a alma de sua própria substância, como projeção e produto de Si, lega sua herança, incorpórea e imutável ao homem idealizado por Deus.

(...) pois, de acordo com o padrão de uma única Mente, mesmo a Mente do Universo como um arquétipo, moldou-se a mente em cada um

⁶ FILON, *De congressu eruditionis gratia*. Apud. REALE. G., *História da Filosofia Grega e Romana*, p. 232. Reale ressalta uma sutil distinção entre sapiência e sabedoria, na qual, a primeira seria um momento contemplativo e prévio do conhecimento, e a segunda uma prática efetiva resultante disso.

daqueles que sucessivamente vieram a ser (...)”. E prossegue na aproximação “(...) é de alguma maneira um deus para quem a carrega e entesoura como um objeto de reverência; pois a mente humana evidentemente ocupa uma posição nos homens que corresponde precisamente àquela que o grande Soberano ocupa no mundo inteiro. É invisível, enquanto ela própria vê todas as coisas, e enquanto compreende as substâncias das coisas, é no tocante à própria substância despercebida (...)”⁷.

A alma filosófica busca aquilo que é de sua natureza pelo parentesco que tem com todas as coisas e, sobretudo com Deus. A filosofia será, então, um verdadeiro bem e servirá de propedêutica a uma ciência maior: a Ciência Deus.

A sabedoria é, portanto, aquilo que vigora de familiar e comum por natureza, no homem e no cosmos, devido à sua divina procedência, o Logos Divino. Esse Logos tem em Fílon o sentido de “Palavra de Deus”, que é a ideação do mundo na mente de Deus; uma *potência* criativa tal (a bem dizer, sede de Suas várias Potências) que tem a capacidade de manifestar-se instantaneamente, ou seja, ao mesmo tempo em que o cosmo é concebido ele é concretizado. O Logos ou Palavra de Deus, nesse sentido, sendo aquela instância criadora da sabedoria divina que é ativa tanto no mundo inteligível (espécie de mundo espiritual primeiro, transcendente) como o arquétipo de todos os seres e idéias, quanto no mundo sensível, subjazendo em seu fundamento e direção (imanência), isto é, como ação e vontade de Deus provedor e julgador. A Sabedoria é, assim, um modo de ser do mundo idealizado/criado por Deus, e é por isso que a revelação se faz possível: quando o homem, em estado de perfeita recepção e ajuste a Ele, reencontra a virtude desse fato originário e legado, a virtude da Lei divina. A Revelação pode ser entendida então como a exemplaridade da Sabedoria divina e que no mundo humano se manifesta como a Lei do proceder, resumida na ética judaica, e daí adviria a sacralidade do livro santo,

(...) implicando que o mundo se acha em harmonia com a Lei e a Lei com o mundo, e que o homem que observa a Lei é declarado, destarte, leal cidadão do mundo, regendo seus atos pelo propósito e pela vontade da natureza, de acordo com a qual o mundo inteiro, por sua vez, também é governado⁸.

⁷ FILON, *Da criação do Mundo*. Apud. GUINSBURG, op. cit., p.124.

⁸ FILON, *Da criação do Mundo*. Apud. GUINSBURG, op. cit., p.122.

Ao homem que busca a sabedoria é sugerida, desse modo, uma atitude contemplativa e ética, na qual ele deve auscultar o cosmos, a si mesmo, e a Deus o tanto quanto for possível. Nessa contemplação (que é também relação) é, sobretudo, privilegiado o conhecimento de si mesmo, porque o homem, como vimos, é aquele que mais se aproxima do divino, feito à sua imagem. Ao procurar conhecer o mundo, o espírito humano acaba por descobrir o mundo das idéias divinas, que são os arquétipos da Sua mente criadora através dos quais o mundo é plasmado. Tal descoberta, Fílon admite ser possível ao filósofo, seguindo aqui, uma linha platônica de pensamento. Mas ao contrário do que pensam os filósofos platônicos, ele acredita que a especulação tem limites e, por isso mesmo, não é capaz de satisfazer o coração do homem que busca a sabedoria; essa Sabedoria Suprema é Deus e só ele pode dar a Si mesmo. Por mais longe que possa ir com suas forças intelectivas, o homem permanece uma criatura limitada e precisará de auxílio. “(...) e necessitando, pois, indispensavelmente da profecia, a fim de apreender por inspiração divina tudo quanto não possa obter pelo raciocínio. Onde precisamente a razão nos abandona, aí, a profecia nos instrui.”⁹

A sabedoria assim entendida, não é só deixar a inteligência individual falar, mas deixar falar a voz divina que soa ao verdadeiro devoto da verdade (aqueles que se fizerem dignos através da virtude e da fé), como testemunharam os grandes Profetas. O conhecimento da Verdade, das molas do Real, que se diria aspiração da sabedoria humana, portanto, se dará também por outras vias de apreensão e condição que, por assim dizer, suprimiriam os longos encadeamentos feitos pelo raciocínio e que, no entanto, teriam mais força e clareza de convencimento do que qualquer argumento. “(...) mostrando que Ele de fato é apreendido pela intuição clara mais do que demonstrado por argumentações conduzidas em palavras”¹⁰.

A atitude de Fílon em sua exegese filosófica da Tradição é, portanto, valorativa de uma apreensão racional, por vias, digamos assim, mais acessíveis de investigação, e que não deixam de ser, para ele, mesmo indispensáveis para aquisição da sabedoria; essa via, ainda que limitada, é passível de aprofundamentos e aperfeiçoamentos, tal como propõe na interpretação alegórica. Mas também, ele nos evidencia a importância de um fenômeno profundamente mobilizador e, ao final, orientador (que é a tônica de

⁹ FILON, *A vida de Moises*. Apud GUINSBURG, op. cit., p.130.

¹⁰ Fílon, *Da posteridade de Caim*. Apud Guinsburg, op. cit., p.138.

sua tradição espiritual), onde uma realidade se dá, literalmente, a conhecer, por vias supra-rationais, quer dizer, pela revelação. A revelação não se daria uma única vez na história, mas é em princípio acessível a todo aquele buscador da verdadeira sabedoria (que tem em Deus a personificação completa) e que se faz digno ao sintonizar com as virtudes divinas, através das quais se realizam as condições da divina apreensão.

Assim é que, a prática de uma filosofia mística seria a porta de entrada de um saber superior, a busca e um achado possível, como revelação atualizada. Ainda que o êxito de encontrar Deus face a face seja incerto e mesmo impraticável, porque Sua natureza é transcendente, Ele estaria sempre aberto a dar-se a conhecer, à medida e à vontade do conhecedor, uma vez que, em se tratando de um encontro desse tipo, o interesse e a abertura deverão ser recíprocos, contingência em que a sabedoria da alma é alcançada.

Referências Bibliográficas:

GUTTMANN, Julius. *Filosofia do Judaísmo*. Coleção Perspectiva. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

GUINSBURG, J. *Do Estudo e da Oração, Súmula do pensamento Judeu*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968.

BÍBLIA SAGRADA, tradução da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. São Paulo- Edições Paulinas, 1980.

ARISTÓTELES. *Metafísica*, trad. Giovanni Reale (trad. para o português: Marcelo Perine) Vol.II. Edições Loyola, 2002.

REALE, Giovanni. "Filo de Alexandria e a 'filosofia mosaica'". *História da Filosofia Grega e Romana*, vol. VII- Renascimento do Platonismo e do Pitagorismo, segunda parte. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

NASCIMENTO, Dax. "Filon de Alexandria e a Tradição filosófica". *Μετανόια*, n. 5, São João Del-Rei: UFSJ, 2003, p.55-80.

Revista eletrônica disponível em: <http://www.funrei.br/publicações/Μετανόια>.

_____. "Tradição e transformação: A Torah como fundamento do mundo em Filon de Alexandria". *Μετανόια*, n. 6, São João Del-Rei: UFSJ, 2004, p.7-24.

Revista eletrônica disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/publicações/metanóia>.